

**A IMPORTÂNCIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL
(NARRATIVAS ORAIS) NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE
ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA (ELE): REFLEXÕES
SOBRE O MITO CURUPIRA NO CONTEXTO EDUCATIVO DE
CURUÇÁ – PARÁ**

*THE IMPORTANCE OF INTANGIBLE CULTURAL HERITAGE (ORAL
NARRATIVES) IN THE TEACHING AND LEARNING OF SPANISH AS A
FOREIGN LANGUAGE (ELE): REFLECTIONS ON THE CURUPIRA
MYTH IN THE EDUCATIONAL CONTEXT OF CURUÇÁ - PARÁ*

Gracineia dos Santos ARAUJO¹

Helen Laise Pinheiro ALVES²

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo fazer uma breve reflexão sobre a importância de trabalhar as narrativas orais no contexto educativo do nordeste paraense. De modo especial, o mito Curupira no ensino e aprendizagem de Espanhol como Língua estrangeira (ELE), no município de Curuçá-PA. Temos em conta que este ser sobrenatural, protetor das florestas (MAGALHÃES, 1975), assume um papel sumamente relevante no cotidiano dos povos que habitam o interior rural, sendo objeto de admiração e interesse de crianças, jovens e adultos. O trabalho está norteado por autores como Cascudo (2008), Magán (2010), Cosson (2021; 2014), Colombres (2010; 2016; 2017), Fernández (2005), entre outros, com os quais nos embrenharemos pelo coração da enigmática e fascinante Amazônia, remando pelas caudalosas águas da tradição popular da região. Assim, apresentamos algumas pautas para trabalhar essa literatura na sala de

¹ Doutora em Espanhol: Linguística, Literatura e Comunicação pela Universidade de Valladolid (2015); Professora da Universidade Federal do Pará. E-mail: gracineia@ufpa.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5697-4443>.

² E-mail: laisealves2018@gmail.com.

aula por meio das narrativas orais sobre Curupira. Tudo isso como uma forma de proporcionar ao alunado aprendiz de ELE a possibilidade de ampliar e aprofundar os conhecimentos da referida língua estrangeira, a partir da sua realidade cultural, além de fortalecê-la, a fim de que os nossos mitos e lendas não desapareçam.

Palavras-chave: Narrativas orais. Curupira. Ensino e aprendizagem de ELE. Fortalecimento da cultural popular.

1 INTRODUÇÃO

Como sabemos, o interior rural amazônico, principalmente as povoações mais distantes dos grandes centros urbanos, é um terreno fértil para o florescimento e a propagação de lendas e mitos. Seres sobrenaturais como Curupira e Matinta Perera, entre outros, brotam e se multiplicam no interior da floresta como a água das chuvas, transcendendo as fronteiras da região. E tudo isso é transmitido tradicional e espontaneamente pela via da oralidade, ou seja, “de boca em boca”³, de geração a geração.

A propósito dessa literatura de tradição oral, nos dias atuais, mesmo que ocasionalmente, é possível ver nas zonas rurais interioranas reuniões familiares que ocorrem em fins de tarde, onde os jovens e os mais velhos ficam sentados em frente das suas casas, embaixo de árvores ou nas calçadas, dando vida às tradicionais rodas de conversa na “boca da noite”⁴. Isso ocorre especialmente durante os fins de semana quando, por exemplo, juntos, apreciam um delicioso “avuado”⁵ em volta de uma fogueira. Em meio a um ambiente quase sempre festivo, entre tantas histórias contadas, estão sempre presentes os casos sobre Curupira e suas traquinagens difíceis de desmentir.

6

³ Ato de transmitir determinada informação de forma verbal, espontânea e pessoal, de umas para as outras.

⁴ Se dá a partir das 18 horas, é o crepúsculo noturno. Momento de transição entre o dia e a noite.

⁵ É um regionalismo, refere-se a um jeito diferente de assar peixe, prato típico amazônico.

⁶ Com a chegada da tecnologia, as rodas de conversa se tornaram cada vez mais raras, porém esse costume ainda resiste, mesmo que com menos frequência. É comum que em dias de encontro familiar, histórias de assombrações causadas por Curupira sejam contadas, tomando conta do imaginário de todos que se juntam para escutar os relatos.

Convém destacar que os deuses da floresta, sem lugar para dúvidas, assumem um papel importante e necessário no que concerne à defesa das nossas matas, conforme já dito anteriormente, e ocupam um lugar destacado no dia a dia dos chamados *povos da floresta*. No caso de Curupira, afirma Magalhães (1975, p. 139):

a função do Curupira é proteger as florestas. Todo aquele que derriba, ou por qualquer modo estraga inutilmente as arvores é punido por ele com a pena de errar tempos imensos pelos bosques, sem poder atinar com o caminho da casa, ou meio algum de chegar entre os seus.⁷

Nesta mesma linha de pensamento, no que se refere aos seres sobrenaturais, o antropólogo argentino Adolfo Colombres (2016) destaca que “estos seres imaginarios se revelan a la postre más eficaces que nuestras leyes relacionales con el médio ambiente, que son más burladas que cumplidas” (Colombres, 2016, p. 14).

Com efeito, podemos afirmar que não há curuçaense⁸ que nunca tenha ouvido falar ou não tenha se encantado com um relato sobre Curupira, o deus mais vivo dos bosques tropicais (Casculo, 2010). E ainda, diga-se de passagem, é possível afirmar que muitos são os habitantes do município que “morrem de medo” de, por força do destino, dar de cara com o Curupira, uma vez que esse ser sobrenatural é parte do cotidiano amazônico, como as águas, a terra, as matas e o ar. Nesse sentido, o Curupira é, para quem vive, uma *vera narratio*, isto é, algo tão natural de se temer que nem mesmo ousa-se questionar, racionalmente, a real existência deste ser. E é que “la ciencia niega la existência de los mitos, o intenta redimirlos mediante um abordaje racional” (Colombres, 2016, p. 8).

Curupira é um dos personagens mais presentes nas narrativas da região geográfica em questão. Os relatos orais sobre este gênio tutelar da floresta (Casculo, 2008) demonstram que este ser sobrenatural, cuja missão é defender nossas florestas, tem

⁵Texto original de 1874: A função do Curupira é proteger as florestas. Todo aquele que derriba, ou por qualquer modo estraga inutilmente as arvores é punido por ele com a pena de errar tempos imersos pelos bosques, sem poder atinar com o caminho da casa, ou meio algum de chegar entre os seus.

⁸ Curuçaense: Natural ou habitante do município de Curuçá, cidade situada no nordeste do estado do Pará, zona do Salgado.

luz própria e é dotado de plenos poderes. Essas histórias evidenciam que o “pai ou mãe da mata”, segundo a perspectiva de Magalhães (1975), faz parte do imaginário coletivo local e está no linguajar comum a todos os habitantes.

Diante do exposto, propomos o uso desta literatura popular (as lendas e os mitos) na sala de aula como ferramenta didática, a ser utilizada no âmbito do ensino e aprendizagem de ELE. Tudo isso com a intenção de fomentar o desenvolvimento do alunado, não apenas tendo em conta as quatro habilidades básicas de uma língua estrangeira (ouvir, falar, ler e escrever), mas como forma de contribuir à formação integral do aprendiz da referida língua estrangeira, em uma perspectiva interdisciplinar, intercultural, crítica e reflexiva.

É importante ressaltar que as lendas e os mitos são os gêneros textuais que mais sobressaem na tradição oral e, por essa razão, consideramos a importância de levá-los à sala de aula. Neste caso específico, no âmbito do ensino e aprendizagem de ELE no interior amazônico paraense, há um destaque a personagens como Curupira, que assumem um papel relevante no cotidiano do interior. Posto isso, compreendemos a importância do referido gênero no âmbito local, mas mantemos o nosso olhar posto à universalidade, já que as lendas, pela sua natureza, possuem um caráter universal (Magán, 2010).

Para alcançar os objetivos pretendidos, partimos da hipótese de que trabalhar com as narrativas orais sobre Curupira no ensino e aprendizagem de ELE contribui para o reconhecimento do mito como o gênero tutelar da floresta, especialmente no contexto amazônico e curuçaense. De todos modos, não podemos esquecer de que, cada vez mais, os conhecimentos acerca do referido guardião da floresta estão ficando escassos. Dentre outros fatores, isso ocorre, também, devido à invasiva tecnologia que, em forma de telas luminosas (celulares, televisores), invade o cotidiano de nossas crianças, atraindo-as e tornando cada vez mais rara a participação nas tradicionais rodas de conversas.

Assim, através deste trabalho, pretendemos demonstrar a importância do mito Curupira na sala de aula, ao mesmo tempo que ressaltamos a necessidade e urgência de resgatar relatos protagonizados por seres da mata, protetores da floresta, como é o caso de Curupira. Com efeito, levar essas narrativas para as nossas salas de aulas, das mais diferentes localidades e níveis de ensino, é uma tarefa prazerosa e motivadora. Por outro

lado, consideramos oportuno (re)conhecer a importância da referida narrativa oral, contribuir para que ele não morra e, ao mesmo tempo, difundi-lo além das nossas fronteiras amazônicas.

Sabendo que a nossa prática docente deve levar em conta o contexto no qual ela é desenvolvida (Fernández, 2007), consideramos que trabalhar com as narrativas orais sobre Curupira, em diversos contextos, pode ser uma forma de aproximar o universo do aluno aprendiz de ELE ao maravilhoso universo da tradição oral. Assim, despertando-lhes curiosidade e interesse, ao mesmo tempo que contribuimos para que os nossos mitos e lendas não desapareçam. Desse modo, apresentaremos algumas pautas para trabalhar as narrativas orais sobre Curupira na sala de aula, com base na proposta de sequência básica proposta por Rildo Cosson (2021).

2 MAS, QUEM É CURUPIRA?

Definições não faltam acerca de Curupira. Esse ser da mata, menino para uns e jovem para outros, foi o primeiro duende que a mão branca deu a conhecer (Cascardo, 2008). Na carta de São Vicente, datada a 30 de maio de 1560, padre José de Anchieta o chama “demônio”, e afirma: “É coisa sabida e pela boca de todos corre que há certos demônios, a quem os Brasis chamam de curupira, que acometem aos índios muitas vezes no mato, dão-lhes açoites, machucam-nos e matam-nos” (Anchieta, 1560).

Desde a chegada do colonizador europeu, rios de tinta correram ao longo dos séculos sobre Curupira. Pesquisadores e estudiosos em geral, tal como os *povos da floresta*, o definem de várias formas: criança, um jovem, alguém de pouca idade; é o Curupira ou a Curupira, sempre com os pés voltados para trás, um ser de pouca estatura, na maioria dos casos a cor de pele é definida como negra, reluz como o açaí, escura, de tonalidades que variam entre o marrom-avermelhado e marrom-dourado, como o reluzente urucum⁹. Este fator nos leva a crer, sem titubear, que se trata de um mito de origem não europeia, mas originariamente indígena.

⁹ Substância extraída da árvore do urucuzeiro, em tupi significa “vermelho”. É usado como corante alimentício e também para fins medicinais.

Posterior a José de Anchieta (1560), escreve o General Couto Magalhães em seu livro “O Selvagem” (1975) que “Curupira é o protetor das florestas”, refutando a teoria do referido sacerdote espanhol. Magalhães afirma, também, que os portugueses e espanhóis, especialmente o povo espanhol, consideram Curupira como um deus maléfico: “Quase todos os deuses dos índios americanos, dizem eles, são deuses maléficos, aos quais atribuíam antes o poder de fazer mal aos homens do que o de lhes fazer bem” (Magalhães, 1975, p. 83).

Como forma de demonstrar o seu rechaço à teoria dos portugueses e espanhóis, o autor afirma: “eis aí o resultado de querer escrever sobre coisas que não se têm examinado. Isso é um absurdo” (*ibidem*). E ainda afirma: “o que nunca encontrei entre os selvagens foi a concepção de um espírito sobrenatural, cuja missão fosse exclusivamente para o mal, como é entre nós a concepção de Satanás. Isso sim, isso é que não duvido asseverar que não existe” (*ibidem*). Cascudo (2008, p. 122) o define da seguinte maneira: “corpo de menino, de *curu*, abreviação de *curumi*, e *pira*, corpo.

Curupira é pai ou mãe do mato, gênio tutelar da floresta que se torna benéfico ou maléfico para os frequentadores desta, segundo circunstâncias e o comportamento dos próprios frequentadores. Segundo o imaginário coletivo do interior amazônico, Curupira persegue os caçadores que matam indevidamente animais e derrubam árvores, fazendo-os perder-se no caminho, ou seja, lhes deixam “mundiados”¹⁰, sem rumo, atordoados no meio das matas, condenando-os a vagar por longos dias e inclusive noites. Como bem destaca Cascudo (2008): “ai de quem mata por gosto, fazendo estragos inúteis, de quem persegue e mata as fêmeas, especialmente quando prenhes, quem estraga os pequenos ainda novos! Para todos estes Curupira é um inimigo terrível”.

Na cosmovisão dos habitantes de Curuçá e arredores, como é o caso da Vila São Pedro e Nazaré do Tijóca, lugares que formam o centro neurálgico de nossa investigação, as narrativas orais sobre Curupira revelam que este ser mítico é, para o caçador, o pai da mata; para o extrativista, é o dono da floresta e dos manguezais; para os anciãos, é o espírito protetor que guarda todos os animais e árvores existentes nas florestas densas. Na

¹⁰ Flexão do verbo mundiar no particípio, significa: atraído, perdido, atordoado, encantado...

perspectiva destes *povos da floresta*, sempre deve-se pedir permissão a Curupira antes de adentrar a mata. Os anciãos, por sua vez, ao mesmo tempo que atribuem temor a este espírito da floresta, demonstram-lhe muito respeito, deixando claro que existe uma relação com o entorno natural, um legado ancestral que se dá e se fortalece ao longo da sua vida.

Certos da grande riqueza desta herança de nossos antepassados, os anciãos fazem questão de transmitir para os filhos e netos as leis da natureza, no que se refere a este guardião da mata. Tal como o fizeram os seus (nossos) ancestrais, são eles quem repassam os conhecimentos e ensinamentos da floresta e, por conseguinte, contribuem para que as lendas e mitos floresçam, multipliquem-se e perpetuem para as gerações seguintes.

Em suma, sublinhamos que nossa experiência pessoal, somada aos relatos obtidos como mostra para este trabalho, por meio de entrevistas espontâneas e amistosas (Magán, 2010) sobre o mito Curupira, têm-nos demonstrado que para o interiorano amazônico Curupira é uma figura que está no seu dia a dia, como pode ser um familiar ou um amigo próximo, sendo tão respeitado a ponto de ser temido. Por isso, em caso de extrema necessidade, os *povos da floresta* tratam de agradá-lo, reservando a este enigmático e fascinante ser, “pequeno” e grandioso espírito da floresta, mimos que dizem alegrá-lo, e, dessa forma, tornando a atividade mais segura, seja ela caça, pesca, coleta de frutos ou o extrativismo do caranguejo, além de outras tarefas realizadas em prol da sobrevivência. Entre os referidos mimos destacam-se a cachaça e tabaco, como os mais recomendados.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE TRADIÇÃO ORAL

Entende-se por literatura de tradição oral, literatura popular ou folclórica, todo o saber de um povo que é transferido verbalmente e se perpetua, de geração a geração, sem que haja uma autoria individual. Trata-se, portanto, de um conhecimento comunitário oriundo do povo, ou seja, que “pasa de unos tiempos a otros por tradición popular” (Lapesa, 1974, p. 23). Nesta perspectiva, destaca Cascudo (2008, p. 23): “o folclórico decorre da memória coletiva, indistinta e contínua” e complementa: “o desnorteante é que ninguém guarda o nome do autor, só o enredo, interesse, assunto, ação, enfim, a gesta”

(Cascudo, 2008, p. 27). A este transmitir atribui-se a construção de vários saberes comunitários e o fortalecimento de laços afetivos entre o contador de histórias, ouvintes e meio social, permitindo que o espectador beba na fonte da sabedoria que jorra das experiências trazidas pelo “autor” do relato.

Convém recordar que a literatura está presente na história da humanidade desde os tempos imemoriais, conforme podemos observar nos relatos orais sobre os mitos cosmogônicos (COSSON, 2014) que tratam, muitas vezes, de explicar a origem das coisas, interpretando ou tratando de exemplificar certos acontecimentos. Mas, infelizmente, por muito tempo a literatura popular, de tradição oral, não foi considerada literatura, precisamente por seu caráter popular, conforme afirma Magán (2008):

La literatura oral se consideró, durante muchos siglos, como propia de gente poco cultivada e incluso no se la consideraba auténtica literatura, pues la definición que circulaba en manuales y diccionarios se basaba en considerar literatura “a la consecución de la belleza por medio de la palabra escrita.

Nesse sentido, para que haja melhor entendimento sobre a importância da literatura de tradição oral, faz-se necessário relembrar que muitas obras conhecidas atualmente surgiram há muito tempo, e só após a criação da escrita foram transferidas para o papel (Cosson, 2014). Cabe destacar também que a escrita é uma invenção humana recente, de aproximadamente 3.500 anos a.C.

Ainda sobre a tradição oral, ressaltamos que foi apenas no século XIX, mais precisamente a partir do ano de 1881, que a literatura popular passou a ser definida/considerada como literatura. Antes, porém, era tida apenas como folclore, por ser oriunda das classes consideradas pouco ou nada cultivadas (Magán, 2010). No entanto, foi graças a figuras importantes do folclore, como o folclorista francês Paul Sébillot, que a literatura oral ganhou o *status* de literatura, e sendo considerada tão autêntica quanto a literatura escrita ou erudita. Sébillot foi quem utilizou o termo literatura oral pela primeira vez, registrando-o em uma coleção de textos compilados na Alta Bretanha, a partir do seu próprio entorno de contos, lendas e diversas manifestações da tradição popular francesa (Cascudo, 2008).

Com efeito, a literatura de tradição oral, sem dúvidas, possui um valor inestimável, pois carrega a identidade de um povo e tudo o que isso implica. Conforme Magán (2010, p. 183): “la literatura oral es algo vivo que crece con el niño, reactiva la memoria colectiva, forma parte del patrimonio intangible de la humanidad y es un pequeño gran tesoro que depende de la voluntad de todos para su supervivencia en el tiempo”. Assim, no caso da nossa tradição popular amazônica, vale a pena ressaltar que as narrativas orais mostram segredos da floresta que a literatura oficial não nos revela. Como exemplo, mencionamos os relatos orais sobre Curupira, que são o eixo central do nosso trabalho, como uma fonte através da qual podemos obter um retrato autêntico da Amazônia.

É certo que partir da tradição oral é possível conhecer o coração da floresta e tudo o que isso implica: a forma como os nossos ancestrais viviam ou se relacionavam com a natureza; como se configurava a questão ambiental na época de nossos avós e suas implicações na atualidade. Ademais, conhecemos as mudanças sofridas ao longo do tempo, as quais trazem consequências funestas, como os desmatamentos; aprendemos sobre a relação que os nossos antepassados mantinham com os seres sobrenaturais e a sua relação direta com os animais, as plantas, os rios, de forma geral, sua ligação com a mata e toda a sua complexidade- fauna e flora, povos, tradições e costumes.

Diante do exposto, somos conscientes da importância de se manter viva a tradição oral, especialmente as nossas lendas e mitos, e transmiti-la tanto no âmbito familiar ou escolar, sobretudo porque é por meio da necessidade de contar que se preservam e transmitem culturas milenárias, costumes, saberes e tradições, sem os quais dificilmente chegaríamos a ser quem somos atualmente. Indubitavelmente, por meio dos relatos orais sobre Curupira nos deparamos com costumes e crenças que conservamos até hoje, e que são um legado dos nossos ancestrais. Assim, trata-se de uma combinação das múltiplas influências que herdamos ao longo da nossa formação como povo mestiço, resultante do contato de línguas e culturas variadas e, portanto, produto do processo de colonização que se incrementou em datas emblemáticas, como 1492 e 1500, onde se inicia a presença do colonizador europeu nas nossas terras. Para além disso, cabe-nos salientar que o ser humano é um ser nômade que deixa rastros de sua cultura por onde passa, mesclando suas tradições a outras que já existiam, independentemente da interferência de

possíveis colonizadores, agindo diretamente na forma de viver dos povos que habitam ou aqui habitaram e se formaram resultantes do nomadismo que nos caracteriza (mas esta é uma discussão que pretendemos desenvolver em trabalhos futuros).

Na perspectiva de Cosson (2008, p. 29): “Não há povo que possua uma só cultura, entendendo-se por ela uma sobrevivência de conhecimentos gerais”. Com efeito, no caso da literatura popular brasileira, há um fator que não podemos deixar de mencionar: a mestiçagem que a caracteriza. Desse modo, destacamos que é preciso considerar que a nossa literatura popular congrega elementos, principalmente, de três civilizações: europeia (colonizadora), africana (transplantada e escravizada) e ameríndia (nativa, originária). Em suma, o que hoje conhecemos como cultura popular amazônica e brasileira surgiu do contato de línguas e culturas diversas, durante tempos que não se podem precisar. No entanto, com maior destaque para as culturas fundadoras da nação que hoje chamamos Brasil. Dessa maneira, esse grande e rico contato contribuiu para a conformação e/ou transformação de muitos mitos e lendas, que hoje carregamos como herança. Em destaque, a chegada do colonizador europeu, e tudo o que isso implica, modificou para sempre as realidades amazônicas dos povos originários, como bem afirma Cascudo (2008, p. 27):

A Literatura Oral Brasileira se comporá dos elementos trazidos pelas três raças para a memória e uso do povo atual. Indígenas, portugueses e africanos possuíam cantos, danças, estórias, lembranças guerreiras, mitos, cantigas de embalar, anedotas, poemas e cantos profissionais, uma já longa e espalhada admiração ao redor dos homens que já sabiam falar e entoar.

Em resumo, destacamos que as lendas e os mitos amazônicos fazem parte do patrimônio imaterial do nosso país. No entanto, acrescentando que se trata de uma literatura que congrega elementos não apenas de “três raças”, conforme destaca de maneira simplista Cascudo (2008). Deste modo, e de maneira especial, destacamos que as narrativas orais sobre Curupira são um importante legado dos nossos ancestrais e que não podemos deixar de (re)conhecê-las como elemento importante e necessário na luta em defesa das nossas matas.

4 AS LENDAS E OS MITOS

Os mitos e lendas são as formas literárias mais antigas da humanidade. Eles, desde sempre, caminham junto com os homens e mulheres de todos os tempos, fundindo-se e confundindo-se com a realidade, misturando-se e adquirindo novos saberes e crenças, sobretudo porque as lendas, com o tempo, ganham novas cores e significados (Rodrigues, 1881). As lendas e mitos, onde quer que nasçam, contribuem para a construção do imaginário coletivo. Desta maneira, são partes importantes da formação da identidade cultural do povo, conforme indica Magán (2010, p.48):

Los géneros literarios, cuya, característica fundamental es la oralidad son, como la lengua, un vehículo de transmisión cultural, además de un sistema de comunicación. Los conceptos culturales se adquieren y se transmiten lingüísticamente; por este motivo, los modelos lingüístico-literarios pasan a formar nuestra experiencia, en tanto en cuanto contribuyen a conformar los marcos conceptuales que nos sirven para interpretar la realidad.

Com efeito, não podemos esquecer que as lendas, os mitos e as fábulas, entre outros relatos orais, foram por muito tempo, a única maneira de se transmitir conhecimentos, por terem uma ligação direta com as crenças e tradições, e também com a realidade dos povos. Isso se deve, sem dúvida, à necessidade inata de homens e mulheres, como seres simbólicos que somos (Colombres, 2010), de buscar explicar e entender as questões que nos acompanham desde sempre. Inquietações como “De onde viemos?” ou “Para onde iremos?”, assim como temas de difícil solução, levaram homens e mulheres, de todos os tempos, a remeterem-se a mitos e lendas, no almejo de encontrar algum desfecho para as suas dúvidas, em busca de uma resposta que nem sempre pode ser encontrada.

Conhecer sobre a função ou funções das lendas e dos mitos não é uma tarefa fácil, porque “los mitos muestran más mediante lo que encubren que a través de lo que declaran” (Colombres, 2016, p. 7). Nesse sentido, da tradição popular amazônica, podemos destacar que as lendas se fundem e se confundem com a realidade, assumindo um papel importante no dia a dia dos povos da floresta. Para Magán (2010, p. 68):

Aproximarnos con un mínimo de rigor al concepto de leyenda implica una serie de dificultades que no han dejado de plantearse hasta el momento todos los estudiosos de este género o subgénero tradicional. Sus límites con otras formas narrativas orales no están nada claros para nadie, ya que la leyenda participa de personajes y características del mito.

Todavía, por mais que as concepções de lenda e o mito possuam muitas semelhanças entre si, uma vez que ambas são uma vivência carregada de emoções (Colombres, 2016), faz-se necessário que busquemos estudá-los com o maior rigor possível. Para isso, tratamos de conhecer e entender os conceitos que definem esta literatura, enquadrando cada gênero em sua especificidade narrativa. Assim, destacamos que a nomenclatura “mito” surgiu na Grécia Antiga e tinha como função contar histórias que explicassem a origem das coisas, das pessoas, dos animais, ou seja, da criação como um todo. Sua principal característica era, justamente, dar sentido a fatos que na época careciam de explicação. Por essa razão, se recorria ao imaginável.

Na perspectiva de Cascudo (2006), o mito seria, então, uma explicação imediata e fantasiosa sobre o surgimento de algo ou o desfecho de algum acontecimento a partir da ótica da superstição, confirmado pelas credices locais e agindo sobre a perspectiva do maravilhoso. “O que é o mito? Uma narração de história fantástica, desfigurada pela credulidade, agindo no sentido do maravilhoso” (Cascudo 2006, p.111). De acordo com o que o autor escreve, podemos entender que os mitos são narrativas carregadas de mistérios, que costumam recontar situações naturais enfeitadas e, de maneira fantástica, são recriadas, dando possibilidades místicas. Nesse sentido, Cascudo (2006, p.112) complementa: “o mito age e vive, milenar e atual, disfarçado noutros mitos, envolto em credices, escondido em medos, em pavores cujas raízes vem de longe, através do passado escuro e terrível”.

Na concepção de Colombres (2016), o mito está longe de ser uma história desprezível, vazia de sentidos ou mesmo distante da realidade. Segundo o autor, o mito surgiu com a finalidade de dar significado a acontecimentos que não têm solução e amenizar possíveis reações causadas por algum incidente impactante, que transcende a realidade. Entende-se o mito, portanto, como a tentativa de homens e mulheres darem ou obterem respostas, por meio do fantástico, para aquilo que não se tem. Dessa forma, busca-se esclarecer fatos sem explicação: “Se podría decir que el mito, más que un fruto

del deseo y los sueños, es hijo del horror al vacío y al sentimiento de intrascendencia y fugacidad que rodea a todo ser humano” (Colombres 2016, p.07). O mito, portanto, será uma criação do homem e reflete as suas crenças, as suas simbologias porque o homem, como sabemos, antes de mais nada, é um ser simbólico. Ainda de acordo com Colombres (2016), o mito é uma narrativa que não ocorre fora do real, porém revestida de imaginação; tem o papel principal de amenizar e dar sentido aquilo que a razão não explica, ou seja, o mito existe a partir da realidade e com base na necessidade e desejo do homem de entender os fatos que a razão não dá conta de explicar.

Por sua vez, “lenda” é um vocábulo originário do latim *legenda* e significa “aquilo que deve ser lido”. No início, a lenda era usada para contar histórias de santos e mártires, passando depois a narrar fatos históricos modificados ao longo do tempo pela imaginação popular. Seu sentido vai muito além do seu significado específico, pois, na prática, ela se une ao cotidiano com naturalidade, fundindo-se e confundindo-se com a realidade, com o real, difícil de ser distinguido, para quem a vivencia. Neste caso, a linha que separa a realidade da imaginação torna-se tênue.

A lenda, de acordo com Magán (2010), é o subgênero que mais sobressai na literatura de tradição popular. Assim, não é exagero afirmar que a lenda é o gênero mais presente no cotidiano dos povos da floresta, como bem podemos observar na história da humanidade, uma vez que é inicialmente oral e faz parte da necessidade humana de contar. É importante destacarmos, portanto, que o narrador, ao contar, sente uma grande satisfação em repassar adiante os seus conhecimentos, a sua vivência com o fenômeno mítico, que não deixa de estar estreitamente ligado à sua vida em sociedade, porque o ser humano é um ser social.

Ao considerarmos que o homem é este ser social, não haveria possibilidade para a lenda ou mito existir de forma individual (Colombres, 2016). Esse fator se evidencia em cada história contada, uma vez que as descrições de um mesmo ser podem ser múltiplas e nelas podemos observar traços de uma realidade que é social. Isso ocorre pelo fato de as variantes, como destaca Colombres (2016, p.12), “Suelen ser asimismo obra del tempo...y “en verdad, lo raro es que las descripciones de un personaje coincidan totalmente”.

Em relação à transmissão dos relatos, a nossa experiência tem nos demonstrado que cada narrador possui um universo de sentimentos. Cada contador, através das suas vivências, exterioriza conhecimentos que, indubitavelmente, foram adquiridos por meio da tradição oral, ou seja, transmitidos de “boca em boca”. Isso ocorre, conforme já mencionado em parágrafos anteriores, de maneira espontânea, mantendo-se, assim, o ciclo natural e primitivo da contação de histórias. Essa tradição, por sua vez, perpetua-se de geração em geração sempre que a “civilização” escolhe não interromper este “girar da roda do mundo”, pois observamos que muitos dos nossos mitos estão sendo desterrados à medida que nos urbanizamos mais, principalmente devido à invasiva tecnologia, que em nome da “civilização e do progresso” nos arranca do interior da floresta e nos “veste” de asfalto.

Vale a pena recordar que seres sobrenaturais como Curupira habitam as matas densas e, à medida que as nossas florestas desaparecem, acabam levando consigo as nossas lendas, os nossos mitos, contribuindo, assim, para o desaparecimento de grande parte das nossas tradições orais. E para que melhor possamos entender o gênero literário em questão, podemos destacar que as lendas orais são um veículo não apenas de transmissão de conhecimento, mas também de problemas que afetam homens e mulheres de todos os tempos. Nas lendas, “tienen cabida los problemas y las preocupaciones del hombre de todos los tiempos: la vida, la enfermedad, la muerte, la comunicación con el más allá, la presencia de seres reales y extraterrenales con poder para ocasionar el bien y el mal (Magán, 2010, p. 68).

Assim, destacamos que tal como pode ocorrer com a literatura erudita, a literatura popular, neste caso a lenda, tem a capacidade de transportar o ouvinte ao entendimento da sua realidade, levando-o a transitar entre o real e o imaginável, sobre uma linha tênue que o conduz a um mundo que complementa o seu. É certo, no entanto, que o relatado (especialmente, na infância) se unirá a muitas outras “verdades” que o acompanharão ao longo da sua vida, uma *vera narratio*, que acabará sendo tida como verdade. Desse modo, pode ser considerada uma verdade absoluta, principalmente se nos remetemos ao papel que assumem as lendas e os mitos em lugares como o interior da floresta, onde o cotidiano, sem a mais mínima dúvida, está regido por leis não apenas humanas, mas as leis da própria natureza.

Nesta perspectiva, é indubitável que o incentivo à contação de relatos sobre os deuses da floresta contribui para que as lendas e os mitos não desapareçam e continuem sendo transmitidos de geração em geração, pois é necessário que mitos como Curupira, protetor(a) da mata, não desapareçam junto a sua missão de defender a floresta.

As lendas e mitos, evidentemente, podem se perpetuar ou também desaparecer. De acordo com Magán (2008, p. 68), “con la leyenda nos introducimos en los dominios de una historia, que, si a veces, puede estar anclada en lo real, se escapa de la realidad y nos introduce en lo maravilloso, lo fantástico, lo extraordinario, lo paranormal”. Por essa e outras razões já expostas ao longo deste trabalho, optamos por propor metodologias com o uso das narrativas orais no contexto educativo. Neste caso, no âmbito do ensino e aprendizagem de ELE em Curuçá, interior amazônico paraense, onde, como futuros professores de espanhol, desenvolveremos a docência da língua estrangeira em questão, movidos pela certeza de que é importante, necessário e urgente dar protagonismo a nossa tradição oral na sala de aula. Ademais, reconhecendo o seu indiscutível potencial didático e, principalmente, sua contribuição na defesa das nossas florestas, em memória da nossa enigmática e fascinante Amazônia.

5 MOTIVOS PARA TRABALHAR AS NARRATIVAS ORAIS SOBRE CURUPIRA NA SALA DE AULA

A literatura popular faz parte de nossas vidas desde que nascemos, pois chega de maneira natural e espontânea dentro do âmbito familiar, e é transmitida pela via oral como algo tão comum, que nem se ousa questionar. Diante disso, destacamos a importância desta literatura no âmbito educativo escolar; no nosso caso, no ensino e aprendizagem de ELE, conforme já pontuamos ao longo deste trabalho.

Assim, neste capítulo, trazemos algumas pautas para trabalhar as narrativas orais sobre Curupira na sala de aula, no contexto do ensino e aprendizagem de ELE, em Curuçá, considerando que, no contexto amazônico em que estamos inseridos, as lendas e mitos são parte do nosso cotidiano, como é a própria floresta. Nesse sentido, podemos afirmar que os sujeitos da Amazônia que vivem em Curuçá, que moram na zona rural, em pequenas cidades ou comunidades tradicionais, já nascem em meio aos domínios de seres

tão enigmáticos e fascinantes, como Curupira, Matinta Perera (aqui chamamos de feiticeira) e Mãe d'água, que abundam no nosso folclore e fazem parte do cotidiano da floresta, como a terra, a água ou o ar. E como habitantes da zona rural que somos, reconhecemos a importância desta literatura no âmbito educativo, por isso não hesitamos ao escolher o tema deste trabalho.

Com base no exposto, consideramos que no contexto curuçaense e amazônico em geral, a experiência do aprendiz de ELE com as lendas não pode ficar fora da sala de aula, como nos declara Magán (2010): “Cuando los niños llegan a la escuela es imprescindible partir de sus conocimientos previos literarios, el bagaje de literatura oral aprendida en el seno familiar; es la primera literatura oída.” (Magán, 2010, p.47). Então, é a partir desse conhecimento prévio que destacamos a importância de trabalhar com a literatura de tradição oral no ensino e aprendizagem de espanhol.

No contexto curuçaense, acreditamos que é possível que o aluno aprendiz de ELE desenvolva o gosto pela língua estrangeira estudada por meio de narrativas orais, das realidades locais, desde que sejam trabalhadas de maneira bem planejada e com objetivos claros, uma vez que a literatura popular tem um caráter universal, conforme já destacamos. Assim, é possível contribuir para que a aprendizagem da língua estrangeira estudada seja produtiva e, principalmente, motivadora.

Não há dúvidas de que estudar a língua espanhola a partir de textos da nossa realidade, como as lendas que fazem parte de cotidiano interiorano e que possui papel importante nas nossas vidas, também é uma forma de despertar no nosso alunado o interesse pela cultura de outros países vizinhos, onde se fala esta língua estrangeira; lugares igualmente repletos de mitos e lendas. Dessa maneira, destacamos que nossos *hermanos*, nossos vizinhos hispano-falantes, possuem uma experiência semelhante à nossa, de colonização europeia, como por exemplo a Colômbia, a Venezuela, o Peru, entre outros que fazem parte da Amazônia e que também possuem uma tradição oral riquíssima. Desse modo, ao levar em consideração que as nossas crianças e jovens que nasceram, cresceram e moram no interior amazônico, como o caso de Curuçá (município rodeado de momentos de partilhas de lendas, contos e mitos), a metodologia escolhida e proposta por nós será, sem dúvida, uma experiência prazerosa, visto que ter a nossa realidade

trabalhada em sala de aula nos desperta o sentimento de pertencimento e acolhimento que, dificilmente, outro tema poderia abordar.

Inicialmente, os relatos coletados e escolhidos para serem trabalhados nas aulas de ELE serão propostos para serem apreciados, analisados e estudados de maneira intercultural, intertextual e interdisciplinar. Tudo isso focado no desenvolvimento integral dos alunos, com vista a alcançar as destrezas básicas de uma língua estrangeira, habilidades como ouvir, ler, recriar e passar adiante aquilo que aprendeu, de forma a incentivar a pesquisa de novos relatos e também a análise da origem das lendas, a partir do contexto ao qual estão inseridas, como nos confirma Magán (2010) ao destacar que:

Capacitar a los estudiantes para que sean informantes-recopiladores de literatura tradicional, investigadores en la práctica, pues los materiales narrativos que extraigan por vía oral pueden ser estudiados, analizados, clasificados, recreados y utilizados.

Nesse sentido, somos conscientes de que o contar histórias, esse “passar adiante” das narrativas orais sobre Curupira é muito mais que transmitir uma narrativa, muito mais do que contar uma lenda, mas é uma forma de estreitar laços com a nossa tradição popular, que está cada vez mais condenada ao esquecimento, embora a invasiva tecnologia ainda não conseguiu acabar com os nossos mitos (Colombres, 2016). Além disso, é uma forma de unir-nos à luta em defesa da floresta e, de certo modo, contribuir para que não desapareça as últimas árvores e, por conseguinte, a própria vida no planeta.

6 PROPOSTA DE ATIVIDADES COM AS NARRATIVAS ORAIS SOBRE CURUPIRA, A PARTIR DE QUATRO (04) RELATOS COLETADOS NA ZONA RURAL DE CURUÇÁ/PA.

Aqui apresentamos algumas pautas para trabalhar as narrativas orais sobre Curupira, a partir de quatro (04) relatos, que foram obtidos através de entrevistas espontâneas e amistosas (Magán, 2010). No nosso caso, trazemos como referência algumas histórias coletadas com habitantes da zona rural de Curuçá, as quais têm os seguintes títulos: “O acordo”; “O encanto do Curupira”; “As fases do Curupira” e “O canto que encanta”. Os referidos relatos poderão ser trabalhados no contexto do ensino

de ELE, em Curuçá, e em outros contextos, sendo as atividades baseadas no modelo de sequência básica, proposto por Rildo Cosson (2021), conforme já indicamos.

Para que a nossa prática docente seja exitosa, (Cosson, 2021) nos apresenta quatro importantes passos que devemos seguir: motivação, introdução, leitura e interpretação. Nessa perspectiva, voltamos a destacar que a presente proposta está direcionada para as realidades do interior rural do município de Curuçá, podendo ser adaptada por outros docentes em conformidade com a realidade em que trabalham, ou seja, além das nossas fronteiras, nos mais diferentes níveis, âmbitos e localidades, desde o Ensino Fundamental ao Ensino Médio.

As atividades estão planejadas para serem trabalhadas durante 06 aulas, no nono ano do Ensino Fundamental. De início, os relatos escolhidos devem ser traduzidos, previamente, pelo professor. Vejamos:

Primeira aula: deve iniciar com o conceito do gênero lenda, buscando inseri-lo em um diálogo que os conduza ao contexto do mito de Curupira, aproximando-os, o máximo possível, do relato escolhido para trabalhar. Em seguida, deve ser feita a distribuição de cópias do Texto 1. Esse primeiro momento terá a duração de 20 minutos, para que os alunos realizem a leitura, em português, individual e tranquilamente. Após findar o tempo estipulado e a leitura do texto em português, faz-se a divisão do texto em partes proporcionais à quantidade de alunos. Posteriormente, será feita a leitura em espanhol, fazendo com que os discentes leiam a parte que lhes será atribuída, de forma a instigá-los a falar sobre suas impressões sobre o que foi lido, ensinando-os a aceitar a opinião dos demais, para que, dessa forma, possam entender que a interpretação, mesmo sendo individual, é um fator social. Desse modo, é essencial que se construam debates saudáveis e respeitosos acerca das impressões deixadas pelo texto.

A versão do texto traduzido para o espanhol deverá ser entregue mantendo a mesma divisão das partes do texto da leitura em português, indagando se eles conseguiram entender e se há dúvidas quanto à pronúncia ou significado de algumas palavras desconhecidas.

Segundo dia de aula: diálogo sobre o texto trabalhado na aula anterior. Nessa aula, deve-se começar com a leitura do texto em espanhol, que será feita pelo professor.

Em seguida, serão organizadas rodas de conversa com perguntas como: O que acharam da versão traduzida do texto? Foi mais difícil o entendimento da história? Quem já havia escutado este relato? Qual o cenário onde se passa a história? Conhecem esta comunidade?

Com o auxílio de recursos audiovisuais, colocaremos um vídeo que contará a lenda peruana do Chullachaqui (em espanhol). Após o vídeo, segue-se incitando os alunos ao diálogo sobre as semelhanças encontradas no Relato 1 (O acordo/El acuerdo) para que possam ser observadas no vídeo que será apresentado. Também deve-se abordar as semelhanças físicas entre o Chullachaqui do Peru e nosso Curupira, instigando a explanação de como eles acreditam que essas lendas surgiram e se as semelhanças apontadas por eles têm a ver com o contexto ambiental ao qual essas figuras folclóricas estão inseridas.

Terceiro dia de aula: será feita a introdução a leitura do Relato 2, que deve ser trabalhado também em sala de aula. O texto é intitulado “O encanto do Curupira” (El encanto del Curupira). Aqui será abordado, inicialmente, o contexto de nascimento da lenda, explicando-lhes que se trata da história de um adolescente de 16 anos, que sai para balar passarinhos na mata em frente à sua casa, e acaba por se encantar com a beleza de uma ave nunca antes vista por ele. O cantar da exuberante ave o hipnotiza, atraindo-o para dentro da grande floresta. Após a finalização da leitura, deverá ser feita uma ampla reflexão a respeito da função do Curupira quanto à preservação ambiental, e quais motivos levaram o guardião da mata a maltratar o ator principal deste relato, buscando fazer com que a conversa flua de uma maneira descontraída.

Terminado o momento de troca de opiniões, será proposto aos alunos que, em equipes, façam uma pesquisa de campo em sua comunidade, buscando relatos de experiência com Curupira, vividos por algum parente ou vizinho. Os relatos deverão ser escritos e lidos na próxima aula.

Quarto dia de aula: a classe iniciará com a leitura dos relatos trazidos pelos alunos. Será feita novamente a roda de conversa e dialogaremos acerca dos detalhes presentes nos textos, como o local, quando ocorreu o fato, as pessoas envolvidas e qual a lição tirada da intervenção de Curupira, “o que eles acreditam ser?” e se o Curupira é um

ser bom ou mau? Após isso, será dado um tempo para que eles traduzam o texto 2 “O encanto do Curupira” (utilizando o dicionário), da maneira que conseguirem, e, a partir da sua produção, será feita a correção dos grupos de forma individual, de maneira a incentivá-los a seguir com o exercício em casa. Essa atividade terá como objetivo melhorar a escrita em espanhol, fazendo-os conhecer alguns conectores importantes para o bom entendimento de frases e textos.

Quinto dia de aula: será lido para eles o Relato 3, chamado: “As fases do Curupira” (Las fases de Curupira). Nesse momento, mais uma vez será feita a análise do relato e o que eles acreditam ser o Curupira, a partir da visão do narrador. Nesta aula, o objetivo principal é fazer com que cada aluno reflita a respeito das mudanças ambientais e sociais sofridas ao longo do tempo, e o papel do Curupira quanto à preservação da natureza. Será proposto que, de forma individual, se produza um pequeno texto (não deverá conter o nome do autor), falando sobre a importância da preservação ambiental. Após a finalização do trabalho, deve ser feita a troca dos textos, que serão redistribuídos de maneira aleatória entre os alunos. Posterior à leitura dos textos, o professor deverá solicitar que o aluno-leitor acrescente, de forma oral, as suas reflexões a respeito do tema. É importante destacar que a interdisciplinaridade permite ao aluno agregar conhecimentos e incorporá-los, cada vez mais, à sua cultura.

Sexto dia de aula: reservaremos para este dia o Relato 4, último texto da atividade, intitulado “O canto que encanta” (El canto que encanta). Em parceria com os professores de História e Educação Física, faremos uma breve caminhada rumo ao Bosque da Igualdade, onde serão distribuídas cópias do texto em português e espanhol. Nessa última atividade, deve ser feita a leitura do relato e, em seguida, a análise. Esta é uma atividade proposta para que seja trabalhada a história de Curuçá, o município onde vivemos, da origem até os dias atuais, sublinhando a cultura popular, as lendas e mitos. Para terminar, professores e alunos deverão intercambiar experiências com os estudantes de outras disciplinas e/ou com a comunidade em geral. Para esta última parte, propõe-se vincular a atividade, por meio da Secretaria de Educação, a outros órgãos que o professor considere oportuno.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Traçar metodologias para trabalhar com a narrativa de Curupira nos interiores, ou até mesmo nas cidades pertencentes à Amazônia, é para o professor/professora uma responsabilidade muito grande, pois, por fazer parte da vida do sujeito amazônico desde muito cedo, esse gênero deixa de ser somente uma simples ferramenta didática, já que transcende o seu valor estético, ou seja, possui um valor de parentesco, que acompanha o aluno em questão desde sempre.

Por certo, trabalhar com as narrativas orais sobre Curupira, e lendas em geral, é possível, necessário e gratificante no âmbito do ensino e aprendizagem de ELEM. Devido ao evidente potencial didático dessa literatura de tradição oral, sendo ela trabalhada com objetivos claros e que permita ao aprendiz um ingrediente a mais para que sejam desenvolvidas as destrezas básicas: ler, compreender, escrever, falar e além de outras, igualmente importantes e necessárias para a sua formação integral, como a empatia, solidariedade, o respeito, a responsabilidade, questões essas que não devem deixar de ser tratadas dentro da sala de aula, embora trabalhar com as lendas, neste caso os relatos orais sobre Curupira, não seja uma tarefa fácil e deve ser realizada com cautela. Isso porque, ao contrário da literatura de autor, comumente trabalhada na sala de aula, a literatura popular está presente no cotidiano do alunado desde a sua infância, em menor ou maior quantidade, o que pode gerar controvérsias, dependendo da maneira como seja abordada a temática.

Em geral, Curupira é considerado o pai ou mãe da mata, o guardião da floresta, mas, embora em menor incidência, há casos em que este ser sobrenatural é temido, sendo-lhe atribuída características maléficas, “perdendo” o seu *status* de deus. Desse modo, cabe ao professor estar atento a essas questões e, dentro do possível, fomentar o debate sobre este deus vivo das matas tropicais (Cascudo, 2008), a partir da literatura escrita sobre ele desde a chegada do colonizador europeu.

Vale ressaltar que Curupira aplica castigos exemplares aos que se atrevem a causar danos à fauna e à flora, e isso nos deixa clara sua condição de deus, já que os deuses também castigam. Assim, estimamos que a reflexão sobre o papel do Curupira,

em sua evidente missão de defender nossas matas, poderá fluir da melhor maneira possível.

Destacamos que nas narrativas orais sobre Curupira sobressaem à experiência de cada narrador, fato que não deixa de ser um reflexo dos saberes locais (neste caso, curuçaense), da sua realidade, que não deixa de ser uma experiência comunitária. Assim, estimamos que o trabalho com os relatos familiares, pessoais e do entorno do nosso alunado, torne-se um ingrediente a mais no “caldeirão” do saber, visto que, a partir desses componentes e por meio da escuta e da leitura em português e em espanhol, é possível desenvolver diferentes habilidades do aprendiz, seja ele adolescente, jovem ou adulto.

Trabalhar com essa literatura de tradição oral é, por outro lado, permitir que o nosso alunado desenvolva, ainda mais, a sua capacidade imaginativa e, com isso, a aprendizagem seja não apenas significativa, mas prazerosa e motivadora. Nesse sentido, a figura do professor é de suma importância, porque é necessário que, a partir dos saberes locais, com uma dimensão universal, as atividades devem ser pensadas e elaboradas com o rigor necessário.

Para finalizar, convém recordar que aprender uma língua estrangeira deve transcender a gramática e a produção de textos escritos. Assim, de maneira especial, o trabalho com as narrativas orais permite o desenvolvimento das competências linguísticas e culturais, é uma porta aberta para introduzir o aluno ao maravilhoso mundo da literatura e a uma perspectiva também estética, pois, independentemente se trabalhamos com a literatura de tradição oral ou de autor, a literatura não deve perder o seu valor estético.

Diante de todos esses fatores, é essencial e produtivo trabalhar com as lendas e mitos amazônicos no contexto do ensino e aprendizagem de ELE, em Curuçá e além das nossas fronteiras. Afinal, por meio das narrativas sobre Curupira podemos não apenas contribuir com a luta em defesa das nossas matas, mas desfrutar das suas cores, dos seus cheiros, sabores e prazeres, sem deixar de nos preocupar com as suas dores.

ARAUJO, Gracineia dos Santos; ALVES, Laise The importance of intangible cultural heritage (oral narratives) in the teaching and learning of Spanish as a foreign language (ele): reflections on the Curupira Myth in the educational context of Curuçá – Pará. *EDUCAÇÃO EM REVISTA*, v. 24, Fluxo Contínuo, 2023, e023009. <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2023.v24.e023009>.

Abstract: The present work aims to make a brief reflection on the importance of working with oral narratives in the educational context of northeastern Pará. In a special way, the Curupira myth in the teaching and learning of Spanish as a foreign language (ELE), in the municipality of Curuçá-PA. We take into account that this supernatural being, protector of the forests (MAGALHÃES, 1975), assumes an extremely relevant role in the daily life of the peoples who inhabit the rural interior, being the object of admiration and interest of children, young people and adults. The work is guided by authors such as Cascudo (2008), Magán (2010), Cosson (2021; 2014), Colombres (2010; 2016; 2017), Fernández (2005), among others, with whom we will embark through the heart of the enigmatic and fascinating Amazon, paddling through the flowing waters of the region's popular tradition. Thus, we present some guidelines for working this literature in the classroom through oral narratives about Curupira. All of this as a way of providing EFL learners with the possibility of broadening and deepening their knowledge of this foreign language, based on their cultural reality, in addition to strengthening it, so that our myths and legends do not disappear.

Keywords: Oral narratives. Curupira. Teaching and learning of HE. Strengthening popular culture.

8 REFERÊNCIAS

Anchieta, José. Carta de São Vicente, 1560. *Conselho Nacional de Reserva da Biosfera da Mata Atlântica*. Série 06. Documentos Históricos. Caderno 07. São Paulo, 1997.

Barbosa Rodrigues, J. Lendas, crenças e superstições. *Revista Brasileira*, tom X, pp. 24-47, 1881.

Barbosa Rodrigues, J. Poranduba amazonense, ou kochiyima-uara porandub, 1872-1887. *Anais biblioteca Nacional*. Volume XV. fasc. 2 pgs. 1-334. Disponível em: <http://biblio.etnolinguistica.org/rodrigues_1890_poranduba> Consultado el: 10 de nov. de 2022.

Cascudo, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. São Paulo: Global, 2008.

Cascudo, Luís da Câmara. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. São Paulo: Global, 2010.

Colombres, Adolfo. *Seres mitológicos Argentinos*- 1º ed. 2º reimp. -Ciudad Autónoma de Buenos Aires : Colihue, 2016.

Cosson, Rildo. *Letramento literário*. Teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2021.

Cosson, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. Teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.

Fernández, F. Moreno. *¿Qué español enseñar?* Madrid: Arco Libros. 2007.

Lapesa, Rafael. *Introducción a los estudios literarios*. Madrid: Cátedra, 1974.

Magalhães, Couto. *O Selvagem*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

Magán, Pascuala Morote. *Aproximación a la literatura oral*. La leyenda entre el mito, el cuento, la fantasía y las creencias. Valencia: Perifèric edicions, 2010.

Magán, Pascuala Morote. La importancia de la literatura de tradición oral. *Revista Educación y Pedagogía*, vol. XX, núm. 50, Enero - Abril de 2008.

Recebido em: 08/03/2023

Aprovado em: 07/06/2023